

A ANGÚSTIA E A INVASÃO DO REAL DO CORPO NA ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR

Rodrigo da Silva Almeida

Rogério Paes Henriques⁴³

A partir da proposição de Lacan (1965/2003) de que a arte se antecede à psicanálise, o presente ensaio objetiva (a)borderar a angústia e a invasão do real do corpo⁴⁴ a partir da escrita de Clarice Lispector (1973/2020), especialmente em sua obra *Água Viva*. A hipótese que orientou este estudo é que Clarice, diante da angústia da invasão do real do corpo, encontra, com sua escrita orientada ao real, uma borda que surge como causa de desejo.

43 Psicólogo (UFES) e Psicanalista (IPB/EBP). Mestre e Doutor em Saúde Coletiva (IMS/UERJ). Docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe.

44 A noção de real do corpo surgiu no segundo momento do ensino de Lacan (1975/2003), quando ele trouxe a noção de *falasser* sobrepondo-a a noção de sujeito. O *falasser* é a junção do sujeito com a sua substância gozante e o corpo é aquele que é afetado pela linguagem, mas não ao que concerne aos efeitos de representação do significante e sim a *lalíngua*. Machado (2010, p. 11) corrobora dizendo que com a noção de *lalíngua* Lacan pensou: “o significante em sua materialidade, desconectado do efeito de sentido, pois não se articula em cadeia, só sendo referido ao Um do gozo”. Assim, quando o *falasser* tem a experiência de invasão do real do corpo, Bonfim (2016) diz que é ultrapassada a sua capacidade de produzir uma representação psíquica do próprio corpo, porque se trata de algo impossível de simbolizar e assimilar, não sendo raro ser uma experiência que pode remetê-lo ao traumático - chamado por Lacan (1974/2022) de *troumatisme* -, por se referir a um traumatismo que produz uma ruptura em sua cadeia simbólica, perturbando as explicações universais e os sentidos coletivos.

Ressaltamos que o diálogo entre psicanálise e literatura está presente desde Freud, que mostrou em diversos textos como a arte pode nos abrir possibilidades para pensar a clínica psicanalítica, como é o caso do escrito *O poeta e o fantasiar*. Nele, Freud (1908/2018) faz uma aproximação entre a criação literária e a psicanálise, discorrendo sobre os efeitos afetivos que as criações artísticas exercem sobre nós, citando o exemplo dos romances psicológicos, cujos afetos que despertam nos leitores são decorrentes do processo de identificação, no qual o Eu do leitor se amalgama ao Eu do herói do romance. Nesse sentido, o diálogo entre psicanálise lacaniana e literatura tal como proposto neste ensaio envereda pela teoria psicanalítica, versando sobre os encontros e desencontros entre uma obra literária e a clínica psicanalítica. Desse modo, não se trata de ilustrar a psicanálise por intermédio da arte, mas sim de se servir do que a arte produz nas suas ressonâncias com as noções psicanalíticas de angústia e de real do corpo, tendo em vista que Lacan (1958-1959/2016, p. 298) alegue que: “[...] No nível em que estamos, trata-se efetivamente de psicanálise teórica”.

A ANGÚSTIA A PARTIR DA PSICANÁLISE LACANIANA

Segundo Freud (1916-1917/2014, p. 520) a angústia é um afeto que o sujeito sente no Eu e que onde há angústia, há também aquilo que angustia, pois: “[...] o problema da angústia configura um ponto nodal para o qual convergem questões as mais diversas e importantes”. Sobre o surgimento da angústia, Lacan (1962-1963/2005, p. 52) assinala que ela aparece quando a falta que constitui o sujeito vem a faltar, pois: “[...] quanto o que constitui a angústia, se esta de repente não faltar, é nesse momento que começará a angústia”. Dito de outro modo, Lacan articula o

imaginário e o simbólico dizendo que a angústia aparece quando uma coisa qualquer aparece no lugar da falta que constitui o ser falante (representada pelo símbolo $-\phi$), lugar ocupado pelo objeto a do objeto do desejo. Conforme lembra Alvarenga (2022, p. 35): “[...] A angústia aparece quando, no lugar da falta, surge aquilo que Freud chama de *Triebregung*, a estimulação pulsional. [...] Aquilo de que tudo parte é a castração imaginária, $(-\phi)$, porque não existe imagem da falta. Quando aparece algo ali é porque a falta vem a faltar”.

Para Lacan (1962-1963/2005) a angústia não é sem objeto, sendo ele o objeto a : noção que surge a partir desse seminário e se refere a um resto, um resíduo. Para Miller (2005), Lacan está demonstrando aí que, na estrutura da linguagem, há algo que não pode ser reduzido ao significante e que é assimilado grosseiramente ao corpo vivo⁴⁵ e não pode ser visto. A angústia coloca-se, então, fora dos limites desenhados pelo sujeito do significante, não se deixando significantizar. Também ressalta que a angústia é o afeto que não engana, pois é sinal do real. A angústia não é da ordem do significante, que é enganoso, mas é signo, que, diferente do significante, aparece sozinho. Sobre a noção de signo Lacan (1959/1960/2008) diz que: “[...] O signo, segundo a expressão de Pierce, é o que está no lugar de algo para alguém”. Dito de outro modo, o signo é o que representa alguma coisa

45 Segundo Quinet (2017, p. 78) o corpo vivo refere-se ao corpo pulsional, tendo em vista que: “O que confere vida ao corpo - eco no corpo do dizer do Outro”. A noção de corpo vivo foi proposta no segundo momento do ensino de Lacan (1972-1973/2008, p. 188) quando ele disse que “A linguagem, sem dúvida, é feita de alíngua. É uma elucubração de saber sobre alíngua”. Assim, conforme destaca Machado (2010, p. 11), no corpo vivo o que está em causa é: “[...] o significante como causa do gozo do corpo, ou seja, lalíngua (não é mais, portanto, o gozo que causa o simbólico, o gozo nomeado, é, ao contrário, a palavra causando o gozo)”.

para alguém. Ao sublinhar que a angústia é afeto que não engana, Lacan diz que não se trata de uma emoção, pois o afeto não é recalcado, mas sim os significantes que o enodam. Também destaca que a angústia tem um objeto - o objeto *a* - que é distinto do objeto que é apreendido pelo significante e: “[...] Isso quer dizer que o significante gera um mundo, o mundo do sujeito falante, cuja característica essencial é que nele é possível enganar” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 87). Então, se a principal característica do significante é que nele é possível enganar, a angústia, enquanto um signo, é aquilo que escapa, o impensável que aparece como um corte que é sinal do real.

Finalmente, Lacan (1962-1963/2005, p. 178) pensa a angústia como um sinal do real fora do simbólico, apontando para a ausência de significações que constituem o sujeito e que, dentre todos os sinais é aquele que não engana, refere-se ao fato de ser uma manifestação: “[...] Do real, portanto, de uma forma irreduzível sob a qual esse real se apresenta na experiência, é disso que a angústia é sinal”. Assim, ao associá-la com o real que não cessa de não se escrever, Lacan apresenta uma abordagem singular da angústia como fenômeno de corpo particular, cuja incidência concerne ao sujeito e não como um comportamento a ser banido. A partir dessas considerações, passaremos agora a discutir sobre a angústia e a invasão do real do corpo.

A ANGÚSTIA E A INVASÃO DO REAL DO CORPO NA ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR

Inicialmente, ressaltamos que a obra de Clarice Lispector como um todo, mas em especial o livro *Água Viva*, caracteriza-se como uma escrita orientada ao real. Para Lacan (1971/2009, p. 114): “[...] A escrita, a letra, está no real e o significante, no

simbólico”. Segundo Valle (2007, p. 124), uma vez que o significante está no simbólico, uma escrita orientada pelo simbólico é sempre uma: “[...] transmissão parcial. No campo do inefável, o simbólico atua aos pedaços. Aliás, o que caracteriza o simbólico é o furo, a parcialidade. O simbólico fragmenta, divide. A nomeação implica um recorte”. Já uma escrita orientada ao real refere-se à noção de letra (Lacan, 1971/2003). Trata-se de uma tentativa de transmissão do impossível. Uma vez que o que não cessa de não se escrever não é passível de transmissão por si mesmo, se faz necessária a entrada do simbólico para que isso, parcialmente, ocorra. A escrita possibilita bordejar o real, através da letra, servindo-se da nomeação proporcionada pelo significante para explorar outros efeitos, para além de significar, tocando no sem-sentido, no inominável, possibilitando significantizar o indizível.

Clarice⁴⁶ inicia *Água Viva* advertindo o leitor: “[...] *Estou consciente de que tudo o que sei não posso dizer, só sei pintando ou pronunciando sílabas cegas de sentido*” (Lispector, 1973/2020, p. 9). Localizamos nesse livro uma escrita pulsional, em que se prefigura a relação de uma mulher com o seu corpo, onde a angústia e o real do corpo se fazem experimentar: “[...] *posso não ter sentido mas é a mesma falta de sentido que tem a veia que pulsa*” (Ibid., p. 11). Sobre a veia que pulsa em Clarice, Lacan (1975-1976/2007, p. 18) que: “[...] as pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer”. É buscando fazer ressonância ao real pulsional que ressoa em seu corpo que Clarice, a partir dele endereça a sua escrita ao leitor.

Lacan (1972-1973/2008, p. 140) também (a)borda um

46 Ressaltamos que os trechos citados das obras de Clarice Lispector neste ensaio estarão em itálico.

corpo falante e sua substância gozante, sustentando que: “O real, eu diria, é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente”. Diante das ressonâncias do real em seu corpo, Clarice se depara com uma angústia indizível, que se presentifica por meio do silêncio: [...] *escrevo por profundamente querer falar. Embora escrever só esteja me dando a grande medida do silêncio*” (Lispector, 1973/2020, p. 10). Mas não desiste de buscar uma resposta para o enigma que carrega consigo: “*Sim, quero a palavra última que também é tão primeira que já se confunde com a parte intangível do real*” (Ibid., p. 10). Lacan (1959-1960/2008, p. 87) afirma que: “O real, disse-lhes eu, é o que se reencontra sempre no mesmo lugar [...]” e, quando o real toca o corpo, Bonfim (2016, p. 3) sublinha que os efeitos disso em cada sujeito ocorrerão de forma singular, pois reverbera em uma: “[...] ruptura que pode escapar à possibilidade de representação psíquica, sendo excessiva e ultrapassando o sujeito, e situando-o fora da cena”.

Além disso, um ponto importante a destacar é o momento do livro em que observamos no processo escritural de *Água Viva*, a presença do objeto *a*, especialmente através do grito/voz, pois segundo Lacan (1962-1963/2005) uma das formas de apresentação do objeto *a* é a voz. Podemos observar no trecho a seguir a extração do objeto voz diante do real do corpo experienciado por Clarice: “[...] *O que sou neste instante? Sou uma máquina de escrever fazendo ecoar as teclas secas na úmida e escura madrugada. Há muito já não sou gente. Quiseram que eu fosse um objeto. Sou um objeto. Objeto sujo de sangue [...]*” (Lispector, 1973/2020, p. 71). Então prossegue dizendo: “[...] *se tenho que ser um objeto, que seja um objeto que grita. Há uma coisa dentro de mim que dói, ah como dói e como grita pedindo socorro. [...]*” (Ibid, p. 71). Assim, encontra no grito a sua salvação: “[...] *O que*

me salva é o grito. Eu protesto em nome do que está dentro do objeto atrás do atrás do pensamento-sentimento. Sou um objeto urgente (Ibid, p. 71).

Nesse sentido, o ponto central no qual Clarice toca a angústia é a voz. Lacan (1962-1963/2005) ao discorrer sobre a experiência de angústia, destaca o objeto voz como um dos objetos causadores desse afeto, cujos efeitos produzem ressonâncias no corpo do ser falante. Clarice então acusa a presença de um objeto que dói e grita dentro de si, do qual ela não consegue nomear o que é, tal como é possível observar no trecho do parágrafo anterior. A angústia experienciada por Clarice aponta para a afânise de seu desejo e o objeto voz – grito – surge como um resto da operação do significante sobre o gozo. Conforme lembra Alvarenga (2022, p. 207): “[...] Do encontro do significante com o corpo, surge esse resto que é a voz”.

Além disso, Lacan (1974-1975/inédito) ao atualizar a noção de angústia à luz de seu último ensino, servindo-se do Nó Borromeano, apontou para uma escrita que suporta um real. Isso significa que, se até o seminário 10 a angústia estava localizada no campo do desejo, a partir do seminário 22 ela se localiza no Nó Borromeano no campo da invasão do real sobre o imaginário. Assim, é esse o real do corpo que aparece nos trechos de *Água Viva*, onde, através da sua escrita, a autora consegue dar contornos à sua experiência angustiante. Conforme sublinha Alvarenga (2022, p. 40): “[...] esse objeto da angústia, que é algo da ordem do real, é causa e não complemento para o sujeito. Não é um objeto a ser atingido, para completar o sujeito, mas um objeto que está ali exigindo, causando o sujeito, inclusive sua angústia”.

Segundo Lacan (1956-1957/1995, p. 192) o grito é produzido e organizado virtualmente num sistema simbólico do qual o

sujeito está submetido pois: “[...] Desde a origem, o grito é feito para que se tome conhecimento dele, até mesmo para que, mais-além, se o relate a um outro”. Aos poucos, através de sua escrita, Clarice consegue um lugar na trama discursiva de sua existência, deslocando-se da posição de angústia e assumindo uma posição desejante, ao constatar que: “[...] É indizível o que me aconteceu em forma de sentir” (Lispector, 1973/2020, p. 72), tendo em vista que: “[...] *escrever para mim é frustrador: ao escrever lido com o impossível*” (Ibid., p. 60). Nesse sentido, segue apostando em sua escrita orientada ao real, pois nela:

“[...] *Aprofundo as palavras como se pintasse, mais do que um objeto, a sua sombra. Não quero perguntar por que, pode-se perguntar sempre por que e sempre continuar sem resposta: será que consigo me entregar ao expectante silêncio que se segue a uma pergunta sem resposta? [...]*” (Ibid., p. 11).

Então chega à percepção de que: “[...] *Embora adivinhe que em algum lugar ou algum tempo existe a grande resposta para mim*” (Ibid, p. 11).

Desse modo, a escrita de Clarice faz ecoar os efeitos da angústia sofrida por uma mulher diante da conseqüente proximidade com o real do corpo. Ao apresentar um singular modo de subjetivação feminino, encontrando no grito - presentificação do objeto *a*: voz - a autora cria uma borda em sua angústia a partir de suas constantes indagações e, de forma não-toda⁴⁷, constrói a

47 A lógica do não-todo foi proposta por Lacan (1972-1973/2008) para se referir ao gozo feminino, a partir das fórmulas da sexuação. Segundo Marcos (2014), a noção lacaniana do não-todo enseja outro posicionamento em relação à teoria e à clínica exigidas pela psicanálise, apresentando um valor crítico em relação ao universal. O psicanalista, ao se orientar na clínica pela via do não-todo, levará sempre em conta a lógica do singular, do “caso a caso”,

sua própria verdade, concluindo: “[...] *Porque sou uma pergunta*” (Lispector, 1973/2020, p. 34). Assim, através de sua escrita orientada ao real, Clarice abre caminho para uma interrogação, para um desejo de saber e de novas significações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, através do diálogo entre psicanálise lacaniana e literatura, foi possível investigar questões teórico-clínicas em torno da angústia e a invasão do real do corpo a partir da escrita de Clarice Lispector. Ao longo deste estudo, foi possível observar que a literatura é um dos lugares privilegiados no qual aquilo que não se escreve e que escapa, no que se refere à angústia e ao real do corpo, emerge por vezes como escrito. Assim, em *Água Viva*, Clarice faz ecoar os efeitos da angústia sofrida por uma mulher diante da conseqüente proximidade com o real do corpo. Ao apresentar um singular modo de subjetivação feminino, encontrando no grito/voz – um modo de presentificação do objeto *a* - a autora faz uma borda em sua angústia a partir de suas constantes indagações e, de forma não-toda, constrói a sua própria verdade.

se distanciando das classificações identificatórias. Assim, o que se apresenta em cada caso como não remetendo à identificação no campo do Outro revela o real em jogo na prática clínica.

REFERÊNCIAS:

BONFIM, F. G. Trauma e perda: sobre o encontro com o real no corpo e o desejo do analista. **Opção Lacaniana**. São Paulo, nov., v. 4, n. 21, p. 1-9, 2026. Disponível em: Trauma_e_perda.pdf (opcaolacanianana.com.br). Acesso em 12 jul. 2024.

FREUD, S. O poeta e o fantasiar (1908). *In*: FREUD, S. **Arte, literatura e os artistas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 53-68. Obras Incompletas de Sigmund Freud.

FREUD, S. A angústia (1916-1917). *In*: FREUD, S. **Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 519-544. Obras Completas, v. 13.

LACAN, J. **O Seminário, livro 4: A relação de objeto** (1956-1957). Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, J. **O Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação** (1958-1959). Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LACAN, J. **O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise** (1959-1960). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. **O Seminário, livro 10: A angústia** (1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, J. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein (1965). *In*: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 198-205.

LACAN, J. Lituraterra (1971). *In*: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 15-28.

LACAN, J. **O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante** (1971). Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, J. **O Seminário, livro 20: Mais, ainda** (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. A Terceira (1974). *In*: LACAN, J.; MILLER, J-A. **A terceira; teoria de lalíngua**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022, p. 9-62.

LACAN, J. **RSI (1974-1975)**. Inédito. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S22/S22%20R.S.I..pdf>. Acesso em 18 set. 2024.

LACAN, J. Joyce, o sintoma (1975). *In*: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 560-566.

LACAN, J. **O Seminário, livro 23: O Sinthoma** (1975-1976). Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LISPECTOR, C. **Água viva** (1973). Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MACHADO, Z. O Inconsciente e o corpo. **Revista de Psicanálise Stylus**. Rio de Janeiro, n. 20, v. 11, p. 107-115, abr. 2010. Disponível em: (PDF) O inconsciente e o corpo | Zilda Machado - Academia.edu. Acesso em 22 jul. 2024.

MARCOS, C. M. O não-todo de Lacan e a lógica do caso clínico. **Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana**. São Paulo, v. 9, n. 18, p. 4-16, 2014. Disponível em: isepol.com/asephallus/numero_18/pdf/o_nao_todo.pdf. Acesso em 19 jun. 2024.

MILLER, J-A. Introdução à leitura do seminário da angústia de Jacques Lacan. **Opção Lacaniana**. São Paulo, maio, n. 43, p. 7-92, 2005. Disponível em: isepol.com/asephallus/numero_18/pdf/o_nao_todo.pdf. Acesso em 24 maio, 2024.

QUINET, A. Corpo e linguagem. **Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista v. 15, n. 1, p. 77-88 jun. 2017. Disponível em: Vista do Corpo e linguagem (Body and language) (uesb.br). Acesso em 22 jul. 2024.

VALLE, A. M. Beirar o impossível: a escrita de Clarice Lispector e o real. *In*: COSTA, A.; RINALDI, D. (Orgs). **Escrita e psicanálise**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007, p. 121-128.